

O cotidiano e a territorialização dos idosos em um asilo do Norte do Paraná¹

Jéssica Syrio Callefi e Elisa Yoshie Ichikawa

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é compreender como o cotidiano impacta a territorialização dos idosos de um asilo no Norte do Paraná. Foram discutidos elementos teóricos do cotidiano certeaniano e da territorialização, que são a base analítica para esta investigação. Em termos metodológicos, foram utilizadas as técnicas da observação participante e da entrevista de história oral de vida. Os resultados mostram que, mesmo de forma quase invisível, os moradores do asilo se utilizam de diversas práticas, tais como estratégias, táticas e conveniências para territorializar o espaço que habitam. As histórias de vida mostram que não somente as práticas cotidianas atuais dos velhos estão relacionadas com as ações de territorialização, mas tudo o que já foi vivido por esses indivíduos no passado, seus costumes, suas tradições e, principalmente, o modo pelo qual lidaram anteriormente com suas perdas e suas mudanças influenciam no processo de territorialização dos velhos no asilo.

Palavras-Chave: idosos; cotidiano; territorialização; história de vida.

The day-to-day routine of old people in an asylum in the North of Parana, Brazil, and their territorialization

ABSTRACT

The aim of this article is to understand how the day-to-day routine impacts elderlies' territorialization in an asylum in Northern Paraná. Theoretical elements of Certeauian day-to-day routines and territorialization were discussed, which are the analytical basis for this investigation. In methodological terms, the techniques of participant observation and oral life history interviews were used. The results show that, even in an almost invisible way, asylum seekers use a variety of practices, such as strategies, tactics and conveniences to territorialise the space they inhabit. Life stories show that not only the current daily practices of the old are related to the actions of territorialization, but everything that has already been experienced by these individuals in the past, their customs, their traditions, and above all, the way in which they previously dealt with their losses and changes influence the process of territorialization of the elderly in the asylum.

Keywords: *elderlies; daily; territorialization; life history.*

Recebido em: 14/05/2020

Revisado em: 14/06/2020

Aprovado em: 31/07/2020



Jéssica Syrio Callefi 

Universidade de São Paulo, Brasil
Doutoranda de Engenharia de
Produção, Universidade de São Paulo,
Brasil

jessica.callefi@gmail.com

Elisa Yoshie Ichikawa 

Universidade Estadual de Maringá,
Brasil
Doutora em Engenharia de Produção,
Universidade Federal de Santa
Catarina, Brasil

eyichikawa@uem.br

¹ As autoras agradecem ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo financiamento para a consecução desta pesquisa. Agradecem também às valiosas contribuições dos pareceristas durante o processo de avaliação do artigo. As recomendações foram imprescindíveis para um melhor desenvolvimento das ideias do trabalho.

Introdução

Dentro das pesquisas científicas voltadas para a senilidade, já não é novidade que, com o aumento da qualidade de vida nas últimas décadas, a longevidade da população brasileira tenha aumentado (Neri, 2013; Peixoto, 1998). Fatores como mudanças no contexto familiar (Camarano & Kanso, 2010), necessidade de cuidados, um lugar seguro para viver (Souza & Inácio, 2017), solidão na velhice e situações de doenças advindas com a idade (Vieira *et al.*, 2012), tornaram os asilos uma alternativa para essa nova conjuntura.

Com base nesse contexto, este artigo tem o objetivo de compreender como o cotidiano impacta a territorialização dos idosos de um asilo no Norte do Paraná. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa com os moradores de um asilo na cidade de Maringá/PR, a partir de técnicas de observação participante e entrevistas de história oral de vida. Os conceitos principais utilizados nesta pesquisa foram o Cotidiano de Certeau (1996) e a Territorialização respaldada em Haesbaert e Limonad (2007), Tuan (1983) e Raffestin (1993).

As Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI's), comumente conhecidas como asilos, têm o objetivo de prover abrigo e condições dignas para os seus moradores. Apesar do importante papel que realizam, essas instituições, bem como seus moradores, demandam um maior aprofundamento nas investigações realizadas, visto que há poucas pesquisas científicas em Estudos Organizacionais que englobam os asilos e os velhos (Locatelli & Fontoura, 2013).

O termo 'velho' é utilizado nesta pesquisa por ter submergido das próprias entrevistas. Os entrevistados se reconheciam como velhos no sentido de serem descartados, abandonados e sem valor (Silva-Sobrinho, 2007), assim como estarem em decadência e serem incapazes para o trabalho (Peixoto, 1998).

Locatelli e Fontoura (2013) argumentam que é necessário refletir sobre as ações e práticas organizacionais, visto que elas afetam e são afetadas pelo envelhecimento da população. Assim, presume-se que o estudo dos asilos e dos idosos pode trazer diversas contribuições para o entendimento tanto dessas organizações quanto um pouco mais de conhecimento sobre a sociedade e os indivíduos que a habitam. Vale ressaltar que a perspectiva de cotidiano e de territorialização permitem que se aprofunde na subjetividade dos sujeitos de pesquisa, foco pouco abordado em pesquisas com idosos em Estudos Organizacionais, as quais se concentram em aposentadoria, relações de trabalho e comportamento do consumidor (Locatelli & Fontoura, 2013). Dessa forma, as principais práticas dos moradores dos asilos, explicadas pelo cotidiano, territorialização e pelas vivências anteriores dos moradores podem auxiliar gestores, profissionais de saúde e pesquisadores que atuam no contexto dos asilos e dos idosos.

Tendo em vista que a partir do estudo do cotidiano é possível enxergar a maneira como os homens ordinários atuam no campo em que se inserem (Certeau, 1996), compreender suas práticas pode trazer contribuições para a Área de Estudos Organizacionais (Faria & Silva, 2017) no que tange ao entendimento do que é viver nessas instituições. É importante

considerar que os asilos são exemplos radicais de organizações, podendo ser chamados por aquilo que Etzioni (1974) denominou de organizações coercitivas, pois o envolvimento dos participantes costuma ser totalmente alienativo aos objetivos dessas organizações. Isso porque o cotidiano dos moradores acontece quase que inteiramente no asilo, com pouca flexibilidade para atuação deles sobre suas regras e com uma população vulnerável vivendo nele.

Partindo da compreensão de que cada indivíduo é único e por motivos distintos entraram no asilo, a adaptação dos moradores do asilo é diferente em cada caso (Bessa & Silva, 2008; Carvalho & Dias, 2011), o que torna complexa a compreensão dessa adaptação. Quando inseridos no asilo, os velhos realizam práticas de acordo com o que viviam anteriormente e realizam outras novas, adaptando-se a um novo contexto (Madeira, 1999). Assim, os indivíduos territorializam o espaço a partir das ações que realizam (Salamon, 2016). Isso significa que os indivíduos imprimem suas características nos territórios e atribuem significados a esses lugares (Tuan, 1983).

■ Velhos, velhice e envelhecer

O tema da velhice tem ganhado espaço dentro das pesquisas brasileiras em virtude de um aumento desta população no país, conforme apontado nas pesquisas de Peres (2005), Locatelli e Fontoura (2013), Cepellos e Tonelli (2017) e Silva e Helal (2019).

De acordo com Motta (1997), a noção mais antiga para denominar as pessoas no período da velhice é o termo “velho”. Entretanto, outros termos foram cunhados a partir de 1960, com o intuito de ressignificar a imagem do indivíduo para uma designação de respeito (Peixoto, 1998), tais como: idosos, aposentados, terceira idade, melhor idade. Isso porque, em um entendimento geral e até mesmo para os próprios velhos, o termo “idoso” está relacionado à autonomia e à qualidade de vida; enquanto o termo “velho” relaciona-se com o descarte, o abandono (Silva-Sobrinho, 2007), a decadência e a incapacidade para o trabalho (Peixoto, 1998; Silva, 2008).

Peres (2005) argumenta que a tendência do aumento da produtividade está pautada em inovação e velocidade, o que é contrário aos estereótipos associados à velhice. O processo de envelhecimento está atrelado a representações negativas no mercado de trabalho (Silva & Helal, 2019). Inclusive, Cepellos e Tonelli (2017) ressaltam que as empresas não possuem práticas de gestão que englobem o envelhecimento da força de trabalho. Contudo, destaca-se que o trabalho tem grande importância nas influências identitárias, sociais e pessoais dos velhos (Silva & Helal, 2019).

Percebe-se que a sociedade rejeita o velho quando estes indivíduos sentem a fragilização do corpo e já não produzem bens como antes (Motta, 1997). Enquanto ofereciam sua força de trabalho eram tidos como úteis e, por perderem seu papel de produtores na sociedade, são descartados (Bosi, 2010). Para Colares e Saraiva (2016), os velhos são vistos apenas como custo para o Estado por não terem mais suas capacidades físicas e psicológicas intactas. Ainda, ressalta-se que existe uma tendência em se investir nas crianças, vislumbrando o que elas podem produzir futuramente,

como uma forma de investimento para o patrimônio familiar, diferentemente dos velhos (Colares & Saraiva, 2016). Assim, é possível avançar nos Estudos Organizacionais ao utilizar o cotidiano e a territorialização para a compreensão dos sujeitos ao invés da produção de riqueza financeira.

Os asilos se tornaram uma opção para o acolhimento dos velhos. Carvalho e Dias (2011) apresentaram que a maior influência no processo de adaptação dos novos moradores do asilo está relacionada ao motivo da internação. Os motivos mais recorrentes são: solidão, conflitos familiares, perdas de entes queridos (Bessa & Silva, 2008), mudanças no contexto familiar (Camarano & Kanso, 2010), necessidade de um local seguro em termos de cuidados médicos e atenção (Souza & Inácio, 2017) e situações de doenças advindas com a idade (Vieira *et al.*, 2012).

Guerra e Caldas (2010) apresentam que os velhos que conseguem se socializar combatem melhor o abandono e a solidão. Dessa forma, encontram atividades que trazem prazer, alegria e satisfação, ao invés de decaírem em um estado de alheamento perante a vida (Madeira, 1999).

De acordo com Camarano e Kanso (2010), as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI's), iniciaram sua trajetória a partir da iniciativa da caridade cristã que ajudava pessoas necessitadas com abrigo, conhecidas popularmente como asilos. De maneira semelhante à nomenclatura dos velhos, o termo asilo também teve sua denominação substituída em busca de uma conotação mais branda, e não tão relacionada com o abandono, pobreza e rejeição familiar (Camarano & Kanso, 2010).

Carvalho e Dias (2011) consideram que o termo “asilo” é visto como um tabu para os familiares que, não raro, gera tensões, apresentando uma influência negativa na adaptação dos velhos no asilo. Isso porque inserir-se em um novo lar é penoso para os velhos, pois estes perdem a referência de um espaço de lar, proteção, aconchego, segurança e família e passam a ter que conviver com pessoas totalmente desconhecidas, além de abandonar seu estilo de vida pessoal, hábitos e amizades (Bessa & Silva, 2008). A descontextualização social deste velho, que é retirado de sua cultura de origem, a diminuição de suas capacidades físicas, psicológicas e sociais e o confronto com a realidade atual na qual estão submetidos são fatores que influenciam na adaptação do velho no asilo (Madeira, 1999).

As conexões entre cotidiano e territorialização

Nesta pesquisa partiu-se do princípio de que a territorialização acontece a partir das atividades que são realizadas no cotidiano. Isso porque os indivíduos inserem suas características e modos de pensar nas ações que realizam. Portanto, parte do indivíduo é incorporada em cada prática realizada por ele, dentro do limite de liberdade que este sujeito tem nestas ações.

Visto que as relações, regras e padrões que estão associados ao dia a dia das pessoas é a definição de cotidiano (Guimarães, 2002), naturalmente a compreensão dessas relações pode trazer contribuições no tocante ao entendimento desses acontecimentos em si e na compreensão do funcionamento da vida das pessoas (Ortega, 2016). Isso é importante, uma

vez que cada indivíduo tem potencial criativo capaz de interferir nas ordens impostas pelos atores que possuem maior poder dentro das estruturas e que negligenciam estas práticas (Courpasson, 2017).

Michel de Certeau, um dos precursores dos estudos sobre o cotidiano, atribui importância aos saberes ordinários que acontecem nas minúcias das práticas diárias realizadas por indivíduos, que nem mesmo reconhecem suas práticas como saberes, mas os praticam e conseguem encontrar brechas nas estruturas para realizar o que desejam (Salamon, 2016).

As pesquisas que utilizam o cotidiano de Certeau (1996), não são exatamente uma novidade nos Estudos Organizacionais, tanto no contexto internacional quanto nacional e, segundo Machado, Fernandes e Silva (2017), possuem possibilidade de expansão, além de trazerem diferentes visões dentro desse campo (Faria & Silva, 2017). Além disso, podem contribuir em relação ao desenvolvimento de conhecimentos posicionados de forma política, social e geográfica (Barros & Carrieri, 2015).

Dentro desse assunto, verifica-se pesquisas como a de Carrieri, Perdigão e Aguiar (2014) que analisaram a gestão em pequenos empreendimentos familiares, contemplando as estratégias de sobrevivência, os usos e sentidos dos espaços e as relações entre negócio e família. Courpasson (2017) utilizou-se dos locais de trabalho para compreender as particularidades, representações e experiências dos trabalhadores no seu cotidiano. A pesquisa de Mitchell (2007) mostra a contribuição potencial de Michel de Certeau para as teorias de agência, resistência e subjetividade e Ortega (2016) trata da produção social que ocorre neste tipo de estudo a partir das interpretações éticas e políticas do indivíduo sobre a sociedade. A exemplo disso, Leite (2010) apresenta as táticas dos indivíduos para compreender a vida cotidiana na cultura urbana contemporânea. Dey e Teasdale (2016), a partir do estudo do cotidiano, apresentam como um empreendedor social age para obter acesso a recursos e chama de mimetismo tático a forma como esses agentes conseguem driblar as estratégias do governo. Gouvêa, Cabana e Ichikawa (2018) mostraram como os sujeitos do cotidiano deixam suas marcas ao viverem e construíram suas histórias. E, por fim, Salamon (2016) apresenta a relevância da teoria das práticas cotidianas, de forma que considera o indivíduo com certa liberdade e com potencial criativo.

Nota-se que os estudos nessa área buscam interpretar ou mesmo avançar nas propostas de Michel de Certeau. Para se realizar uma pesquisa certeuniana, no entanto, faz-se necessário compreender seus conceitos essenciais, que são: o homem ordinário, usos e consumos, táticas e estratégias, antidisciplina, práticas cotidianas e conveniência, os quais serão utilizados nas análises desta pesquisa.

O homem ordinário é o protagonista dentro dos estudos acerca do cotidiano. É ele quem realiza, participa e constrói o cotidiano a partir de suas práticas, mesmo que estas sejam mínimas e sutis. Por essas práticas, o homem ordinário é capaz de produzir e realizar a manutenção do senso comum com suas ações no dia a dia (Certeau, 1996). Isso porque Certeau (1996) considera que o homem ordinário possui criatividade em suas artes de fazer, apesar de estar inserido em uma sociedade com regras impostas pelos dominantes.

Courpasson (2017) considera que o entendimento da sociologia da vida cotidiana é um avanço por analisar os indivíduos como únicos. Ademais, nos dizeres de Salamon (2016), Michel de Certeau considera que estes homens ordinários possuem saber pessoal e político. Dey e Teasdale (2016) entendem que o homem ordinário tem capacidade de influir em pequenas ações e práticas banais, ainda que não tenha total compreensibilidade de suas ações, de forma que pode influir no campo dominante a partir de sua inventividade.

Os motivos das ações dos indivíduos a partir da maneira que estes consomem os lugares e espaços, além da maneira como operam suas atividades, são tratados como usos e consumos por Certeau, Giard e Mayol (2012). Frisa-se que os indivíduos têm a capacidade de dar novos significados para as regras pensadas pelos dominantes (Courpasson, 2017). De acordo com Certeau (1996), existe uma lógica por trás dessas ações que pareçam não ter nenhuma conexão, mas que podem ter ideologias do próprio indivíduo neste agir. Tais formalidades podem ser decifradas depois de observadas e analisadas.

Outro conceito utilizado por Certeau (1996) são as táticas e estratégias. Compreende-se as estratégias, de maneira simplista, como as regras e imposições daqueles que têm poder dentro da estrutura. Elas são, no entanto, muito mais do que isso: elas se referem às relações de poder, ao estabelecimento de lugares, ao controle do tempo e à estabilidade que permitem manifestações como as regras e imposições no cotidiano. Sendo assim, a tática é a ação, dotada de inventividade e astúcia por parte daqueles que não têm poder dentro da estrutura, mas encontram brechas dentro desta para realizar suas intenções e desejos.

Nesse íterim, subverter com a norma dominante ou agir a partir da antidisciplina é outro aspecto a ser compreendido e que está intimamente relacionado com os usos e consumos. Na antidisciplina o indivíduo encontra uma maneira de agir dentro das regras e as altera ou a utiliza em benefício próprio, ou seja, a partir de brechas na estrutura, o indivíduo realiza algo diferente do que havia sido idealizado pela norma dominante.

A conveniência, por sua vez, pode ser compreendida como as normas, regras e leis não escritas, mas que são entendidas e respeitadas por todos os integrantes de uma localidade. Essas regras têm o objetivo de reprimir o que “não convém”, extinguir os que não agem de acordo com as sutis normas da boa convivência. Os sujeitos, em geral, não questionam essas regras, nem o quão absurdos estão nesse universo, mas as obedecem, com vistas a não serem punidos simbolicamente (Certeau, Giard, & Mayol, 2012). No dia a dia é observável a conveniência em situações como as de não se vestir de determinada maneira em determinada localidade, com quem se deve conversar, como cumprimentar, por quais ruas caminhar.

De acordo com Certeau (1996), as operações, práticas ou maneiras de fazer dos usuários, como cozinhar, ler, estudar, caminhar, comprar, faz com que o cotidiano aconteça. Os sujeitos fabricam seu próprio consumo de acordo com a forma pela qual eles praticam as suas ações. Da mesma maneira, atividades como morar, caminhar, passear e, portanto, territorializar, também são práticas a serem compreendidas na vida cotidiana do homem

ordinário. Ressalta-se, porém, que nem sempre essas práticas são realizadas exatamente de acordo com os desejos dos praticantes, mas como uma adaptação por caminhos que descobrem para atender aos desejos e necessidade individuais, ainda que dentro dos códigos dominantes.

A partir da noção de práticas cotidianas de Michel de Certeau, é possível analisar a formação dos lugares e as fronteiras socioespaciais da vida urbana (Leite, 2010). Para Certeau (1996), o lugar antecede o espaço, e assim, os indivíduos compreendem o lugar que ocupam e, em seguida, se apropriam do mesmo.

A territorialização pode ser compreendida como a maneira que as pessoas simbolizam os espaços que se inserem. Raffestin (1993) considera que o indivíduo pode se apropriar de um espaço de maneira concreta ou abstrata (pela representação) e assim territorializar o espaço. Isso significa que as pessoas investem significados simbólicos aos espaços nos quais estão inseridas. Portanto, verifica-se que Certeau (1996) chama de espaço o que Raffestin (1993) considera como sendo o território.

De acordo com Haesbaert e Limonad (2007), a territorialização ocorre a partir de três vertentes básicas: jurídico-política, cultural e econômica, e as pessoas constroem suas percepções a partir de dimensões materiais e imateriais. Essas dimensões estão relacionadas pelas práticas, como exemplificado pela Figura 1, de forma que a dimensão material correlaciona-se com a esfera político-econômica, a qual trata das leis, dos limites do espaço e das suas apropriações, enquanto a dimensão imaterial, relacionada à esfera cultural, trata dos valores partilhados pelos membros.

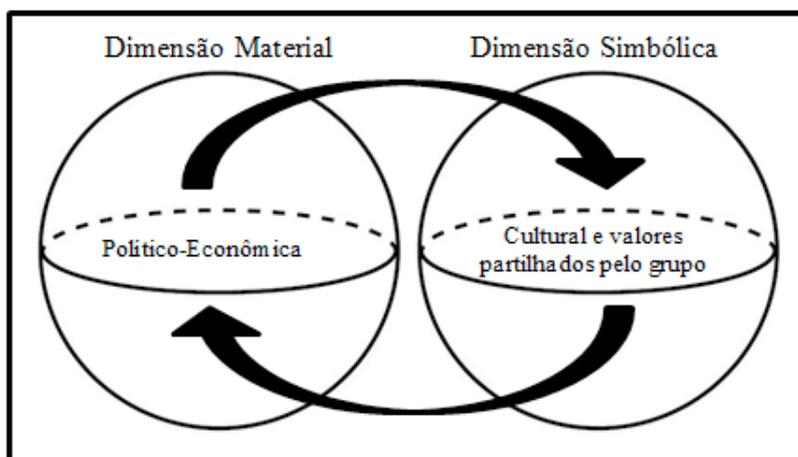


Figura 1. Dimensões que constituem o território

Fonte: Figura elaborada com base em Haesbaert & Limonad (2007).

Tendo em vista que a apropriação física também envolve a apropriação simbólica, constata-se que as dimensões material e cultural estão relacionadas. Em outras palavras, quando um indivíduo reconhece um

espaço fisicamente como seu, também atribui sentido simbólico a esse território. Por exemplo, ao utilizar um espaço público por um longo período, como um banco de uma praça, o indivíduo apresenta um sentimento de que aquele objeto lhe pertence.

Teoricamente, tem-se que a vertente jurídico-política contempla a dominação política e a regulação; a vertente cultural trata do cotidiano, das identidades e da alteridade social; e a vertente econômica trata dos aspectos da divisão do trabalho, classes sociais e relações de produção (Haesbaert & Limonad, 2007). Nas ações dos indivíduos, verifica-se que essas três vertentes são indissociáveis.

Dentro da vertente cultural, Claval (2007) considera que o indivíduo interpreta a realidade a partir dos princípios, valores e tradições de sua cultura. Adicionado a isso, cada indivíduo tem uma percepção do lugar em que está inserido, em relação aos pensamentos, sentimentos e experiências cenestésicas que vivenciaram (Tuan, 1983). No entanto, não há como desconsiderar, nesse contexto, a visão de Certeau (2012) e seu entendimento de cultura no plural, que se dá por meio das invenções do cotidiano. Ou seja, embora haja influência da sociedade em que o sujeito está inserido, Certeau (2012) advoga a possibilidade e necessidade de múltiplas manifestações culturais para a compreensão desse sujeito.

Considerando que as relações de poder no âmbito social e político permeiam as discussões da territorialização, é pertinente compreender as relações de poder entre os indivíduos, já que os espaços contemplam interações humanas, que são estruturadas politicamente, mas também com as pequenas ações (Soja, 1971), visto que os indivíduos tentam satisfazer suas necessidades no ambiente em que se inserem (Raffestin, 1993). Já a função política, no âmbito da territorialização, envolve os processos de competição, conflito e cooperação (Soja, 1971).

De acordo com Raffestin (1993), o indivíduo territorializa o espaço à medida que se apropria do mesmo de maneira concreta ou abstrata. Isso significa que ao dar significado ao território, o indivíduo também pode territorializá-lo não somente pela ocupação física dos espaços, mas por todo o contexto e significado que atribui.

Para Haesbaert e Porto-Gonçalves (2006), a apropriação do espaço tem intensa relação com os interesses econômicos, políticos, culturais e ambientais dos seus ocupantes. Assim, as relações de poder dos indivíduos estão imbricadas nas relações sociais (Saquet, 2007) e causam vantagem ou desvantagem para os ocupantes, inclusive quando se aborda a questão econômica (Raffestin, 1993; Haesbaert & Porto-Gonçalves, 2006; Saquet, 2013).

De acordo com Suertegaray (2011), o estudo da história mostra que ter maior domínio do espaço físico também implica em um maior poder econômico dos indivíduos. Assim, a ocupação física está interligada à relação econômica que se estende ao domínio da sociedade em forma de relações de poder. Dallabrida (2016) comenta que, tendo em vista que os indivíduos com maior poder influenciam nas relações e determinam as regras

do espaço, assim como, não raramente, comportamentos também, sabe-se que essa influência pode interferir na identidade territorial, mantendo o enfoque apenas na história e nas necessidades dos atores hegemônicos que ignoram outros pontos de vista e histórias. Destarte, a importância de compreender as práticas e o cotidiano do homem ordinário nesse contexto.

Assim, verifica-se que juntos, os entendimentos de territorialização e do cotidiano auxiliam em uma compressão mais abrangente da realidade e do comportamento dos indivíduos na sociedade em que vivemos.

■ Procedimentos Metodológicos

A investigação realizada é de cunho qualitativo, com a utilização das estratégias de observação participante, diário de campo e entrevistas de história oral de vida. Essas estratégias foram escolhidas por permitirem o entendimento a partir da perspectiva dos próprios sujeitos (Angrosino, 2009; Cavedon, 2014).

As observações foram realizadas nos períodos de novembro de 2016 a outubro de 2017, com 15 dias de observação participante e 7 histórias de vida coletadas. Foram observadas as atividades realizadas pelos velhos, a maneira como as realizavam e também as relações que aconteciam entre eles.

Em relação à história oral de vida, esta técnica permite que o indivíduo fale livremente a respeito de sua experiência pessoal (Bom Meihy, 2002). Essa técnica foi escolhida por permitir que se contraste o presente com o passado, em busca de saber sobre a história do indivíduo para compreender a forma que este enxerga o presente. Os entrevistados foram escolhidos de acordo com o grau de abertura que apresentavam durante as conversas nas observações participantes e sua vontade em participar da pesquisa.

Para realização das entrevistas, separaram-se as perguntas em blocos, como sugere Bom Meihy (2002). No caso, esses blocos foram: a infância, juventude e trabalhos executados, principais fatos marcantes da vida, a entrada no asilo e o presente.

As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos entrevistados e todos eles são referenciados, neste artigo, por nomes fictícios. Todas as histórias foram transcritas em meio digital e transcriadas, conforme as sugestões de Joaquim e Carrieri (2018), para deixar o texto mais fluido.

Ao final de todo esse processo, as histórias foram lidas e devolvidas para os entrevistados para a confirmação de suas narrativas, num processo intersubjetivo de validação. Ou seja, os velhos ouviam suas histórias, confirmavam o que estava escrito, pediam para incluir outras informações e detalhavam alguns outros fatos. Somente após eles confirmarem que a história de vida estava pronta, esta era dada como válida e encerrada. Todos os que participaram da pesquisa ganharam uma encadernação impressa com as suas histórias de vida.

Para a organização dos dados de práticas cotidianas, primeiramente analisou-se todas as entrevistas transcritas e as anotações de diário de campo e uma lista com as práticas dos moradores do asilo foi criada. Depois, as práticas foram organizadas de acordo com sua relação temática a partir da interpretação das próprias pesquisadoras. A ferramenta aberta de Mapa Mental da GoConqr (<https://www.goconqr.com/pt>) foi utilizada para facilitar a visualização das práticas obtidas.

As análises das entrevistas foram realizadas partindo das narrativas dos velhos, por meio de um recorte que buscou entender o contexto histórico de suas vidas, sem perder de vista as teorias do cotidiano e da territorialização que embasaram a pesquisa. Além disso, utilizou-se, nas análises, das anotações do diário de campo que permitiu o registro das histórias não gravadas e das percepções obtidas a respeito do asilo, dos velhos e das ações dos mesmos durante a fase da observação participante.

Realizou-se a análise buscando, nos trechos das entrevistas, elementos relacionados ao cotidiano e à territorialização. Estes foram separados em blocos e interpretados à luz da teoria. A seção a seguir apresenta os resultados dessa análise.

O asilo e os sujeitos de pesquisa

Primeiramente faz-se necessário apresentar o asilo, tendo em vista que é a Organização na qual os indivíduos se inserem. O asilo em que foi realizada esta pesquisa se localiza no Norte do Paraná, é uma instituição filantrópica que recebe idosos de ambos os sexos, que sejam dependentes ou independentes e que não têm a possibilidade de permanecer junto à família ou por não a possuírem. Neste asilo, os moradores dividem quartos com outros do mesmo sexo e todos compartilham os mesmos espaços de convívio social. Durante a realização da pesquisa, havia cerca de 100 pessoas vivendo no asilo. A maioria delas são homens, solteiros e de classe baixa.

Apresentar os entrevistados desta pesquisa e seus motivos para virem para o asilo também é importante, visto que as perdas que eles tiveram no passado e as maneiras de encarar a vida atual foram importantes para a compreensão da territorialização deles no asilo.

Carlos, 83 anos, viúvo, veio para o asilo por desavenças familiares. Com o passar dos anos, alguns de seus filhos faleceram e há poucos anos sua esposa também faleceu. Com apenas uma filha viva e por não ter boa relação com ela, veio para o asilo. Carlos considera que a filha o enganou, abandonando-o no asilo.

Ester é solteira e veio para o asilo por falta de opção. Ela passou a maior parte de sua vida trabalhando no sítio de sua família, onde viviam de modo humilde e passavam por grandes dificuldades. Ester se emocionava muito recordando das histórias do passado e lembrando como eram difíceis aqueles tempos. Ester contou que seu pai dividiu os bens da família somente entre os filhos, e as filhas não receberam nada. Assim, sem familiares que

quisessem acolhê-la e sem condições financeiras, Ester veio viver no asilo, como a mesma diz: “por falta de opção”.

Joana, solteira, tem 89 anos e possui excelentes capacidades cognitiva, social e física. Joana teve uma infância tranquila vivendo na fazenda de seus pais. Quando adolescente, começou a trabalhar em um banco no norte no Paraná e depois no Rio de Janeiro. Quando se aposentou, Joana preferiu ficar perto da família, porém, como seus pais já haviam falecido e ela sentia que incomodava seus parentes morando com eles, preferiu vir morar no asilo. Atualmente, Joana considera que viver no asilo é melhor, pois seus sobrinhos a visitam toda semana, a buscam para almoços em família e ela consegue comprar alguns itens que deseja com os recursos de sua aposentadoria.

Joaquim, 81 anos, solteiro, passou grande parte da sua vida trabalhando como ensacador de grãos em diversas regiões do país. Viveu parte de sua vida adulta até a velhice com uma mulher, porém, veio para o asilo quando os dois decidiram se separar. Joaquim contou que por não ter filhos, nem parentes na cidade, preferiu vir morar no asilo.

Rafael, 82 anos, solteiro, trabalhou a vida toda na roça, só parou de trabalhar quando entrou no asilo. Rafael perdeu contato com sua família muito cedo, logo que começou a viajar em busca de emprego. Não constituiu família e seus únicos contatos na cidade são de seus patrões.

Raul, 69 anos, solteiro, ainda tem irmãos na cidade, mas por esses já terem idade avançada, não têm condições de cuidar de outra pessoa. Raul possui algumas debilitações físicas, tem uma perna amputada e necessita de cuidados de saúde. Também tem um leve quadro de esquizofrenia e por essa doença ter se manifestado já na sua juventude, Raul nunca conseguiu formar uma família. Apesar de estar no asilo, sua capacidade social é muito boa, é um senhor alegre e divertido.

Rute tem 98 anos e é viúva. Por não poder conceber filhos, ela adotou duas meninas ainda crianças que via em dificuldades em seu bairro. Porém, no presente, necessitando de cuidados especiais e por não ter condições financeiras para contratar uma cuidadora, além da necessidade de suas filhas trabalharem fora de casa para garantir o próprio sustento, Rute preferiu vir para o asilo.

Sabe-se que com o passar do tempo, intensifica-se a necessidade dos velhos por auxílios como remédios, bengalas, cadeira de rodas, consultas médicas. Essas são práticas ligadas ao estar velho, e isso foi bastante observado no asilo. Ademais, os velhos esquecem-se com frequência de algumas lembranças e não conseguem se recordar de alguns acontecimentos recentes, sentem-se fragilizados e não conseguem executar determinadas tarefas que executavam na vida adulta (Camarano & Kanso, 2010; Carvalho & Dias, 2011). E, ainda que o indivíduo não necessite de todos os auxílios anteriormente citados e não esteja em uma condição física e mental tão debilitada, toda essa nova realidade é escancarada e os relembra que eles estão velhos e com o passar do tempo ficarão mais velhos e dependentes dos profissionais da saúde. É possível observar na fala de Joana a interpretação que ela faz dos seus colegas do asilo e sobre a debilitação das capacidades físicas que observa e prevê que necessitará:

Joana: Acho que ano que vem vou estar andando de bengalas. [...]. Eu acho que as pessoas se entregam muito. Chegam aos 60 anos e dizem: “estou velha”. Eu nunca fui assim de me entregar. Os anos passam, não passam só para mim. Passam para todo mundo.

Sobre a utilização da palavra “velho” neste artigo, ressalta-se que esse termo submergiu nas entrevistas e durante as observações participantes, de forma que os próprios moradores nomeiam, comumente, a si e aos outros moradores de “velhos” e, portanto, essa palavra é a que melhor representa os indivíduos que foram pesquisados. Os próprios moradores utilizavam o termo para destacar a decadência, falta de utilidade e abandono, no mesmo sentido já trazido por Silva-Sobrinho (2007) e Peixoto (1998). Durante as observações, verificou-se que aqueles moradores que diziam se sentir “velhos”, estavam em um estado de alheamento perante a vida, ou seja, ressaltavam que não viam motivos em continuar vivendo, só estavam esperando o tempo passar. Esse comportamento já havia sido evidenciado nas pesquisas de Madeira (1999), o qual apresenta que alguns velhos perdem a vontade de continuar efetivamente vivendo.

Práticas cotidianas de territorialização no asilo e as relações decorrentes

Apresentados brevemente os personagens desta pesquisa, segue-se para as práticas dos mesmos no asilo. As operações ou maneiras de fazer dos usuários são entendidas como as práticas cotidianas para Certeau (1996). Notou-se que os velhos reproduzem no asilo os aspectos culturais que aprenderam durante toda a sua vida e também incorporaram novos hábitos.

Para facilitar a representação das práticas, organizou-se um mapa mental com todas as práticas que foram observadas dentro do asilo e também que foram colhidas das entrevistas (Figura 2). Dividiu-se as práticas em três vertentes: velhos, asilo e territorialização. A justificativa dessa divisão foi porque entende-se que algumas práticas estão relacionadas ao próprio momento da vida de serem velhos, enquanto outras práticas são embutidas pelo asilo e outras práticas, ainda, permitem que o velho imprima suas características pessoais ao realizá-las, aqui denominadas de territorialização.



Figura 2. Mapa mental das práticas dos velhos

A respeito das práticas apresentadas, entende-se que as ações de respeitar horários, acostumar-se à rotina e aos hábitos do asilo, ser cuidado pelos profissionais da saúde, manter as atividades relacionadas à sobrevivência humana de comer, beber e dormir, cuidar do asseio pessoal, com os cortes de cabelo e barba, são práticas que os velhos estão acostumados a seguir no asilo. Porém, muitos resistem à ordem imposta, praticam a antidisdisciplina (Certeau, Giard & Mayol, 2012). Por exemplo: quando não querem almoçar, cospem o remédio, negam-se a tomar banho. Alguns moradores reclamam sobre não ter a liberdade de poder decidir sobre quando realizar estas atividades que têm horários fixados pelo asilo. Assim, praticar a antidisdisciplina é uma manifestação de resistência ante relações de poder que acontecem dentro do asilo.

Vários moradores do asilo disseram gostar de viver lá e realizam as atividades que lhes são oferecidas, além de inventar outras. Assim, os velhos também inserem suas características próprias em diversas práticas que

realizam (Tuan, 1983). No entendimento desta pesquisa, essas práticas são relacionadas com a territorialização, pois permitem que as características de cada um dos indivíduos, pela sua maneira de agir, fiquem incorporadas em cada ação.

Percebe-se que alguns velhos são assíduos na fisioterapia e chegam a esperar por cerca de uma hora na fila. O acompanhamento do indivíduo e a rotina da realização de exercícios trazem melhoras substanciais à saúde do indivíduo. Por isso, os velhos são convidados diariamente para participar, como uma estratégia (Certeau, 1996) do próprio asilo para manter a saúde deles, mas vários moradores só participam taticamente, nos dizeres de Certeau (1996), quando têm vontade ou sentem dores. Outros, no entanto, passam longe da sala de atendimento, praticando a conveniência (Certeau, Giard & Mayol, 2012), para nem mesmo serem convidados a participar das atividades de exercícios físicos.

Quanto à terapia ocupacional, esta tem uma menor participação ainda dos velhos. A maioria dos velhos não gosta dos trabalhos em grupos, nem mesmo participar e interagir com os outros moradores, assim, alguns deles nunca participam das atividades. Outros são assíduos e participam das gincanas, jogos e brincadeiras. O dia da pintura é o que tem o maior número de velhos, que consomem, nos dizeres certeunianos, a atividade. Nessa prática é possível visualizar cada indivíduo unicamente, uma vez que cada um executa a pintura à sua maneira. Os trabalhos levam o nome dos autores e são expostos pelas áreas comuns do asilo. Comumente os desenhos são elogiados pelos funcionários do asilo e por outros moradores. Porém, alguns velhos que não participam ficam enciumados. Mesmo tendo tido a possibilidade de ter participado, expressam seu descontentamento, já que não participar dessas atividades gera um menor nível de atenção dos profissionais que estão presentes no dia a dia.

Ficou evidente, nas observações realizadas, que a atenção dos visitantes, profissionais de saúde e pesquisadores é um fator de disputa entre os velhos. O que causou surpresa, no entanto, é que embora gostem de socializar com essas pessoas, há o desprezo pelas conversas com os outros moradores do asilo. Prefere-se estar sozinho a conversar com os outros velhos colegas de moradia e convívio. Na pesquisa realizada, tentou-se entender os motivos dessa atitude e até que ponto isso dificulta suas práticas de territorialização.

Ficou claro que a convivência entre os velhos causa desgaste para eles, afinal, vários dos moradores do asilo não decidiram morar nele por conta própria e não escolheram os seus companheiros de espaço. Assim, são obrigados a suportar uns aos outros. Entende-se que a territorialização ocorre a partir de um misto de culturas dos ocupantes do espaço (Haesbaert & Limonad, 2007; Saquet, 2007). Portanto, a abertura para novas culturas e novos entendimentos de mundo nem sempre são bem aceitas pelos velhos. Durante as entrevistas, os moradores também falavam sobre a vida de seus companheiros e exprimiam suas considerações sobre as ações e a vida dos outros. Sendo assim, conhecem-se, têm suas opiniões sobre cada e os julgam a partir dos seus próprios entendimentos do que é certo e errado.

Nas falas de Rafael e Raul é possível observar a dificuldade de interação entre os moradores do asilo e a preferência em ter conversas com profissionais da saúde e pesquisadores, ou seja, pessoas de fora do asilo.

Rafael: Vem um monte de escolas aqui. Um monte de gente vem conversar com a gente. Mas converso mais com quem chega de fora. Aqui o pessoal não gosta muito de conversar.

Raul: O pessoal aqui do asilo é de pouca conversa, mas quando aparece alguém que tem algum estudo, que sabe conversar, então alguém dirige a conversa.

Deixar uma vida toda para trás para criar novos vínculos no asilo com pessoas totalmente desconhecidas é penoso para os velhos (Bessa & Silva, 2008). Verificou-se que os moradores do asilo convivem uns com os outros na maior parte do tempo, segundo as regras da conveniência (Certeau, Giard & Mayol, 2012). Tratam-se como conhecidos distantes, beirando a quase desconhecidos. É raro ver os velhos conversando como bons amigos, ainda que existam raros casos. Os trechos a seguir evidenciam essa falta de vínculo entre os moradores:

Joana: O pessoal [daqui do asilo] não gosta muito de conversar não, mesmo do meu quarto. [...]. Na hora do almoço algumas [colegas] conversam. As mais chegadas.

Carlos: Eu não me misturo com ninguém [...]. Quero ficar quietinho e não falar nada pra ninguém pra não ter conversa. Quem quiser conversar comigo que venha aqui.

Joaquim: Umass pessoas, a gente não se dá muito bem. Mas eu fico para cá e eles ficam para lá. Tem gente que a gente não gosta. Mas a gente conversa porque precisa conversar mesmo. Tem gente que vai bem.

Nas entrevistas, os velhos foram brandos nos comentários e não queriam falar muito sobre os outros moradores. Mas, a cada acontecimento fora do comum foi possível visualizar o quanto determinadas ações lhes incomodavam. Ressalta-se que muitos velhos sofrem de demência, ficam alheios ao ambiente e acontecimentos do asilo. Dessa forma, mesmo para os velhos que têm uma cognição e socialização boa, é difícil manter conversas com estes. Determinadas práticas causam desconforto e tornam a convivência complicada, dentre eles gritos, falas sem sentido, urinar nas calças, o que acontece rotineiramente numa instituição que abriga quase cem pessoas de idade avançada.

Verifica-se que essas práticas causam desgaste para os velhos que precisam conviver no mesmo ambiente com essas pessoas, mesmo que não possuam nenhum vínculo afetivo. Dificultam-se as relações, visto que os velhos, que já têm seus problemas e situações pessoais para digerir, precisam conviver e ocupar o mesmo espaço com indivíduos com capacidades sociais e cognitivas diminuídas, o que não lhes diz respeito e os quais não se importam.

Fumar no ambiente do asilo mostrou-se como uma maneira criativa de interferir na regra imposta pelo asilo de fornecer somente um maço por morador fumante, ou seja, uma forma de resistência, nos dizeres de alguns autores (Courpasson, 2017; Salamon, 2016; Dey & Teasdale, 2016). Considerando que os moradores do asilo não interagem muito entre eles próprios, verificou-se que existiam grupos de velhos divididos entre fumantes e não-fumantes. Observou-se que os fumantes costumam auxiliar-se mutuamente, emprestando isqueiros e cigarros acesos para que os outros fumantes possam acender os seus. Enquanto isso, os não

fumantes se incomodam com o cheio do cigarro, fumaça e sujeira causada pelo cigarro. Fumar em qualquer lugar sem se importar sobre onde está pode ser considerado uma resistência por parte dos fumantes, resistência às regras do asilo e uma inconveniência para os que não são adeptos, mas que precisam suportar esta situação. Os espaços comuns do asilo se tornam territórios com disputa e conflito (Saquet, 2007; Soja, 1971), mesmo que de maneira velada e diminuta. Os não fumantes ficam de mau humor e deixam esse sentimento transparecer, mas não reclamam abertamente com os fumantes, simplesmente mudam de espaço ou encaram os fumantes com um semblante de desprezo.

Foi verificado que alguns moradores utilizam o cigarro como um objeto de poder dentro do asilo e territorializam o espaço por esse meio, já que se apropriam dos espaços pelo contexto e significado, não somente pelo território ocupado (Raffestin, 1993). Um exemplo disso é Carlos, que por fumar moderadamente e ter rendimentos para comprar fumo próprio, sempre tem cigarros de sobra. Assim, algumas moradoras do asilo flertam com ele no intuito de conseguir mais cigarros do que o fornecido pelo asilo para cada morador. Além disso, outros moradores sempre estão ao redor dele. Conforme apontado por Suertegaray (2011), o maior domínio do espaço físico está atrelado ao poder econômico. Dessa maneira, Carlos se tornou uma referência entre os moradores em detrimento de ter disponível um recurso escasso.

Carlos: Para mim não falta fumo e nem cigarro. Porque eu sei onde tem tudo, vou lá e pego. Tem para dar para eles [outros colegas do asilo], para mim e para eles.

Além da prática do fumo, a prática da fé é uma das quais os moradores comumente realizavam antes de entrar no asilo e continuam praticando, o que ajuda em sua territorialização. Muitos dos moradores continuam perpetuando suas tradições e até mesmo inserem relações de poder e sua identidade nos espaços quando a praticam, pois praticam ações a partir da cultura que estavam habituados (Claval, 2007). São realizadas atividades de oração, terço e missas no asilo.

Rafael: Todo dia a gente reza o terço. O rapaz que vem aqui reza o terço. Tem mais uns velhinhos que rezam também.

Raul: Na capela, nós rezamos entre 15 a 25 pessoas, dependendo do dia. Faz bem para quem reza. A pessoa se liberta. [...] O que me melhorou foi a oração e o medicamento.

Cecília: Eu sou muito devota. Sou de três apostolados [...] Quando chega 5 minutos para meia noite, eu ajoelho na cama e rezo as orações em 15 a 20 minutos. Rezo essa oração já faz muitos anos.

Observou-se que, até mesmo a prática da fé é um momento de territorializar. Cecília contou que tentou rezar o terço cantado, mas alguns moradores não gostaram dessa nova modalidade e a repreenderam. Portanto, por não compreender a conveniência presente no lugar (Certeau, Giard & Mayol, 2012), Cecília acabou por abalar a ordem e causar desconforto a alguns que reclamaram. E o hábito já arraigado mantém-se como uma relação de poder dentro do lugar, já que a prática dominante impõe regras e comportamentos (Dallabrida, 2016). Por consequência, Cecília teve que passar a rezar o terço como todos os outros:

Cecília: Eles me chamaram para rezar o terço. Eu falei: “eu vou, mas só que meu terço é todo cantado”. Eles: “não faz mal.” Aí rezamos o terço e uma senhora veio e falou: “bella roba [em tom de deboche]”.

As áreas comuns do asilo possuem algumas televisões e diariamente os enfermeiros a ligam e sintonizam em um canal já determinado. Mas alguns moradores têm sua própria televisão no quarto, como Joana. Apesar de perguntar se as outras velhas também querem assistir televisão ou se querem dormir, é ela quem liga e desliga seu equipamento. Portanto, tem o poder sobre o entretenimento e o horário de sossego do quarto. Convenientemente, todas assistem aos mesmos programas em um horário de comum acordo, evidência de cooperação na territorialização (Raffestin, 1993).

Joana: Eu tenho uma televisão no quarto e eu ligo a televisão. Nós ficamos vendo até acabar o Jornal Nacional. [Até que alguém pergunta:] “Vamos dormir?” [e respondemos:] “Vamos”.

Um tópico interessante que submergiu em todas as entrevistas foi o tema do trabalho. Os entrevistados evidenciavam as conquistas que tiveram e a liberdade que tinham na juventude para realizar os seus feitos, além do aspecto financeiro. A questão da territorialização econômica pôde ser observada, uma vez que, mesmo com todos os moradores do asilo sendo supridos em suas necessidades básicas, ter um rendimento é algo que os velhos vislumbram. Alguns deles, que são aposentados, costumam comprar itens pessoais, cultivando sua personalidade com a possibilidade de obter algumas coisas que desejam com o uso de seus próprios recursos. Muitos sentem saudades do tempo de trabalho e gostariam de se manter na ativa, continuar comprando o que desejavam, viver na lógica da qual foram retirados, inclusive porque o trabalho está atrelado com a identidade do indivíduo (Silva & Heal, 2019), como observado no trecho de Rafael na sequência:

Rafael: A vida foi corrida até hoje. Daí, agora eu parei de trabalhar. Sempre gostei de trabalhar e gosto de trabalhar até hoje. [Eu] plantava café, trabalhava, trabalhava, trabalhava. A vida inteira foi de trabalhar! Eu gosto de trabalhar. Até hoje eu gosto de trabalhar. Eu tenho saudade da roça.

A questão do acesso à educação também foi citada por vários moradores do asilo durante as entrevistas. Isso porque muitos deles imaginam que se tivessem estudado, talvez não estivessem no asilo ou poderiam estar com uma condição financeira melhor. A lógica da territorialização econômica permeia também o campo da falta de acesso à educação desses velhos, visto que os que estudaram atualmente são aposentados e têm seus rendimentos. Quem teve a possibilidade de estudar comenta com orgulho, pois são poucos no asilo os que lograram esse feito.

Outro ponto a ser ressaltado foi a questão do ócio. Verificou-se que alguns velhos preferem o ócio à realização de atividades dentro do asilo. Ainda que seja importante estimular os velhos a obter benefícios em relação à saúde (Silva, 2008; Motta, 1997), para muitos deles o asilo é o primeiro lugar de descanso no qual foram inseridos durante toda uma vida de trabalho, diferentemente da lógica de produtividade (Peres, 2005). Portanto, valoram a questão de realizar somente o que desejam e não ter que realizar obrigações domésticas, principalmente os homens.

Tendo em vista que os moradores inserem significados simbólicos ao lugar que ocupam (Saquet, 2007), observa-se que alguns velhos consideram

o asilo como sua própria casa e sentem-se seguros em estar nesse lugar, visto que todas as pessoas necessitam de um lugar de referência para sentirem-se acolhidas e seguras (Tuan, 1983). Joana contou que tem medo de sair sozinha do asilo e o considera um lugar seguro; Carlos chama o asilo de “minha casa”.

Assim, evidencia-se que as ações que os velhos realizam cotidianamente trazem experiências pessoais que vinculam os indivíduos ao lugar, de forma que estes territorializam o espaço ao ponto de considerarem que possuem o espaço e suas coisas (Haesbaert & Limonad, 2007, Tuan, 1983), ainda que essa territorialização não seja fácil e nem mesmo aconteça com todos os indivíduos. Como observa-se na fala de Ester:

Entrei aqui, mas eu não pensava em ficar aqui! Não, não, não, não! A gente não casou né, muié, não tem ninguém pra cuidar da gente. Tem que vir pra cá. Tem que vir pra cá. Foi difícil para acostumar. Muito difícil. Mas eu gosto daqui, a gente come e dorme, só.

Ressalta-se que os indivíduos precisam construir novas referências e se adaptar ao novo espaço justamente porque foram retirados do seu lugar de convívio. Alguns velhos consideram que nunca vão se adaptar ao asilo, já que estão lá somente como última opção de lugar para morar. Mesmo os velhos que vêm para o asilo por vontade própria, deixam suas casas, convivência com seus familiares e amigos, a vida no bairro e tudo que envolve a vida dos indivíduos em sociedade.

Portanto, este estudo das práticas cotidianas auxilia tanto no entendimento da territorialização dos indivíduos e das disputas territoriais, quanto na compreensão da convivência entre velhos moradores de um asilo e dos movimentos que eles fazem diante do cotidiano em que estão inseridos.

Conclusões

Territorializar um novo ambiente costuma ser gradativo e é difícil que os velhos formem novos vínculos com os moradores do asilo. O ambiente monótono proporciona o ócio e conseqüentemente uma ruptura de uma vida de trabalho para uma nova lógica, o que pode trazer o sentimento de inutilidade aos velhos. Adicionado a isso, verificou-se que várias práticas oferecidas pelo asilo auxiliam na manutenção da vida diária, porém, é difícil encontrar práticas que se relacionem com o passado ou que valorizem a pessoa em si do velho.

O resgate da memória, por meio das entrevistas de história oral de vida realizadas com eles, foi importante para chegar a essa conclusão. Conseguiu-se visualizar que para a compreensão das ações do presente, entender o passado é relevante. E isso só foi possível a partir da união das técnicas da observação participante, que trata do presente e da história de vida, trazendo o passado e a memória dos velhos, as quais foram utilizadas nesta investigação.²

2 Um estudo mais detalhado sobre a importância da memória relacionada à história oral de vida, utilizando os mesmos sujeitos desta pesquisa, pode ser encontrada no artigo “A memória na história oral de vida dos idosos” (Callefi & Ichikawa, 2019).

Essa junção proporcionou diversas contribuições para o entendimento do cotidiano e da territorialização. A territorialização não se vincula apenas às práticas cotidianas da vida presente dos indivíduos, mas se vincula principalmente às vivências do seu passado. Da mesma forma, as ações que os indivíduos realizam no presente faz sentido para eles, têm relações ou são práticas que já eram realizadas pelos indivíduos no passado. Portanto, mesmo dentro do asilo, inseridos em uma nova realidade, perdendo seus vínculos com seus familiares, amigos e a própria casa, os indivíduos ancoram suas práticas em práticas do passado, as quais se reconhecem a si mesmo por elas.

Assim, como resultados principais desta pesquisa para os Estudos Organizacionais, apontam-se uma compreensão mais robusta acerca da realidade dos velhos moradores do asilo e de suas principais práticas. Compreendeu-se que a territorialização é ocasionada pelas pequenas ações diárias que inserem costumes, tradições e relações de poder no novo ambiente, pois os velhos realizam táticas, estratégias, estão submetidos às conveniências, usam e consomem o ambiente à sua maneira dentro dos limites impostos, mesmo fragilizados pela situação em que se encontram. Além disso, seu passado, os motivos de seu internamento e a forma como encaram esse fato também têm muita influência em seu processo de territorialização. Dessa forma, ressalta-se a relação existente entre o cotidiano e a territorialidade.

Essa relação pode ser entendida pela realização das práticas pelos indivíduos do espaço que estes se inserem, de forma que existe uma inter-relação entre a cultura do espaço que impacta nas ações dos indivíduos e dos próprios indivíduos que inserem suas práticas e impactam nesse novo ambiente. Portanto, considera-se ainda que, em vista da possibilidade das organizações influenciarem na vida dos indivíduos, ainda é possível avançar dentro do tema da territorialização e do cotidiano no que tange os velhos dentro dos asilos nos Estudos Organizacionais. É possível vislumbrar a possibilidade de novos modelos de organizações desse tipo, mas que contemplem o contexto e a realidade dos indivíduos que são submetidos a esse espaço, valorizando suas práticas passadas, para que a permanência deles nesse tipo de instituição seja permeada de maior qualidade de vida.

Sugere-se para agenda futura que: (1) o estudo seja replicado em outros asilos, para verificar se as práticas e relações observadas são comuns a esse tipo de instituição; (2) estudos sejam realizados com idosos que possuem uma vida ativa, tendo como campo de pesquisa: bailes, cursos, ambientes públicos e igrejas, no intuito de verificar as diferenças entre práticas cotidianas e de territorialização de velhos e idosos.

Referências

- Amaro, F. (2015). Envelhecer no mundo contemporâneo: oportunidades e incertezas. *RBCEH*, 12(3), 201-211.
- Angrosino, M. (2009). *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed.

- Barros, A., & Carrieri, A. (2015). O cotidiano e a história: construindo novos olhares na Administração. *Revista de Administração de Empresas*, 55(2), 141-161.
- Bessa, M. E. P., & Silva, M. J. (2008). Motivações para o ingresso dos idosos em Instituições de Longa Permanência e processo adaptativos: um estudo de caso. *Texto Contexto Enfermagem*, 17(2), 258-265.
- Bom Meihy, J. C. S. (2002). *Manual de História Oral*. 4a ed. São Paulo: Loyola.
- Bosi, E. (2010). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 16a ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Callefi, J. S., & Ichikawa, E. Y. (2019). A memória na história oral de vida dos idosos. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 8(1), 85-99.
- Camarano, A. A., & Kanso, S. (2010). As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. *R. Bras. Est. Pop.*, 27(1), 233-235.
- Carrieri, A., Perdígão, D. & Aguiar, A. (2014). A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. *Revista de Administração*, 49(4), 698-713.
- Carvalho, M. P. R. S., & Dias, M. O. (2011). Adaptação dos idosos institucionalizados. *Millenium*, 40(1), 161-184.
- Cavedon, N. R. (2014). Método etnográfico: da etnografia clássica às pesquisas contemporâneas. In E. M. Souza (Org.). *Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual. Dados eletrônicos*. Vitória: EDUFES.
- Cepellos, V. M., & Tonelli, M. J. (2017). Envelhecimento profissional: percepções e práticas de gestão da idade. *Revista Alcance*, 24(1), 4-21.
- Certeau, M. (2012). *A cultura no plural*. 7a ed. Campinas: Papyrus.
- Certeau, M. (1996). *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 2a ed. Petrópolis: Vozes.
- Certeau, M., Giard, L., & Mayol, P. (2012). *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes.
- Claval, P. (2007). *A geografia cultural*. 3a ed. Florianópolis: Editora da UFSC.
- Colares, A. F. V. & Saraiva, L. A. S. (2016). Problematizando o "Velho" e o "Idoso" sob a ótica do Capital. *NAU Social*, 7(12), 55-67.
- Courpasson, D. (2017). The politics of everyday. *Organization Studies*, 38(6), 843-859.
- Dallabrida, V. R. (2016). Ativos territoriais, estratégias de desenvolvimento e governança territorial: uma análise comparada de experiências brasileiras e portuguesas. *EURE*, 42(126), 187-212.
- Dey, P. & Teasdale, S. (2016). The tactical mimicry of social enterprise strategies: acting 'as if' in the everyday life of third sector organizations. *Organization*, 20(1), 1-20.
- Etzioni, A. (1974). *Análise comparativa de organizações complexas*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- Faria, A. M. & Silva, A. R. L. (2017). Estudos organizacionais baseados em Michel de Certeau: produção internacional entre 2006 e 2015. *Revista Alcance*, 24(2), 209-226.

- Gouvêa, J. B., Cabana, R. D. P. L., & Ichikawa, E. Y. (2018). As histórias e o cotidiano das organizações: uma possibilidade de dar voz àqueles que o discurso hegemônico cala. *FAROL*, 5(2), 297-347.
- Guerra, A. C. L. C., & Caldas, C. P. (2010). Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(6), 2931-2940.
- Guimarães, G. D. (2002). *Aspectos da teoria do cotidiano: Agnes Heller em perspectiva*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Haesbaert, R., & Limonad, E. (2007). O território em tempos de globalização. *ETC*, 2(4), 39-52.
- Haesbaert, R., & Porto-Gonçalves, C. W. (2006). *A nova des-ordem mundial*. São Paulo: Editora UNESP.
- Joaquim, N. F., & Carrieri, A. P. (2018). Construção e desenvolvimento de um projeto de história oral em estudos sobre gestão. *Organizações & Sociedade*, 25(85), 303-319.
- Leite, R. P. (2010). A inversão do cotidiano: práticas sociais e rupturas na vida urbana contemporânea. *Revista de Ciências Sociais*, 53(3), 737-756.
- Locatelli, P. A. P. C., & Fontoura, D. S. (2013). Envelhecimento populacional e os estudos em administração. *Gestão e Sociedade*, Belo Horizonte, 7(17), 273-300.
- Machado, F., Fernandes, T. A., & Silva, A. R. L. (2017). Michel de Certeau e os Estudos Organizacionais: uma leitura do cenário brasileiro. *Caderno de Administração*, 25(2), 24-43.
- Madeira, M. M. (1999). Condicionantes sociológicas na integração do idoso em lares da 3ª idade: breves considerações. *Referência*, 3(1), 23-27.
- Mitchell, J. P. (2007). A fourth critic of the Enlightenment: Michel de Certeau and the ethnography of subjectivity. *Social Anthropology*, 15(1), 89-106.
- Motta, A. B. (1997). Palavras e convivência - idosos, hoje. *Estudos Feministas*, 5(1), 1-11.
- Neri, A. L. (2013). Conceitos e teorias sobre o envelhecimento. In L. F. Malloy-Diniz, D. Fuentes & R. M. Consenza (Orgs.). *Neuropsicologia do envelhecimento: uma abordagem multidimensional*. Porto Alegre: Armed.
- Ortega, F. A. (2016). Michel de Certeau y las ciencias sociales: un lenguaje alterado. *Memoria y Sociedad*, 20(41), 55-70.
- Peixoto, C. (1998). Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idosos, terceira idade. In M. M. L. Barros (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: FGV.
- Peres, M. A. C. (2005). O envelhecimento do trabalhador no contexto dos novos paradigmas organizacionais e os indicadores de exclusão por idade no trabalho. *Revista Linhas*, 6(2), 1-23.
- Raffestin, C. (1993). *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática.
- Salamon, R. C. (2016). Antropología de las prácticas cotidianas: Michel de Certeau. *Chungara: Revista de Antropología Chilena*, 48(4), 679-689.
- Saquet, M. A. (2007). As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i)materialidade. *Geosul*, 22(43), 55-76.

- Saquet, M. A. (2013). El desarrollo em una perspectiva territorial multidimensional. *Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais*, 2(1), 111-123.
- Silva, L. R. F. (2008). Terceira idade: nova identidade, reinvenção da velhice ou experiência geracional? *Physis Revista de Saúde Coletiva*, 18(4), 801-815.
- Silva, R. A., & Helal, D. H. (2019). Ageismo nas organizações: questões para debate. *Revista de Administração IMED*, 9(1), 187-197.
- Silva-Sobrinho, H. F. (2007). *Discurso, velhice e classes sociais*. Maceió: EDUFAL.
- Soja, E. W. (1971). *The political organization of space*. Washington, D.C.: Association of American Geographers.
- Souza, R. C. F., & Inácio, A. N. (2017). Entre os muros do abrigo: compreensões do processo de institucionalização em idosos abrigados. *Pesquisa e Práticas Psicossociais*, 12(1), 209-223.
- Suertegaray, D. M. A. (2011). Espaço geográfico uno e múltiplo. *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, 5(9).
- Tuan, Y. F. (1983). *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL.
- Vieira, F. P., Leston, N. I. M., Ulgin, M. F. M., Silva, J. R. S., & Siqueira, H. C. H. (2012). Caminhos que levam o idoso a conviver em instituições de longa permanência para idosos. *Vitalle*, 24(1), 47-52.